



A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA NO PROCESSO ENSINO – APRENDIZAGEM, NA CONCEPÇÃO DA PSICOPEDAGOGIA

Adriano Jovelino Araújo¹, Luiz Eduardo Paulino da Silva², Rômulo Tonyathy da Silva Manguiera³, Marlon Tardelly Morais Cavalcante⁴, Samya de Oliveira Lima⁵

¹(Universidade Estadual da Paraíba – Campus Campina Grande, adrianoaraujo25@hotmail.com)

²(Universidade Estadual da Paraíba – Campus Campina Grande, eduardops25@hotmail.com)

³(Universidade Estadual da Paraíba – Campus Campina Grande, tonyathy@hotmail.com.br)

⁴(Universidade Federal de Campina Grande – Campus Cajazeiras, marlontardelly@gmail.com)

⁵(Universidade Estadual da Paraíba – Campus Campina Grande, samyasol@yahoo.com.br)

RESUMO: Historicamente, a Escola e a família, tal qual as conhecemos hoje, surgiram respectivamente com o aparecimento da modernidade, ambas destinadas ao cuidado e educação das crianças e jovens, por isso, essa relação é indispensável para que a criança frequente a escola sem problemas, além de ser um elemento facilitador para que a vida escolar seja vivenciada com tranquilidade, ajudar a revolver as atividades propostas na sala de aula. No entanto, a escola enquanto espaço de sistematização de conhecimentos, diferenciou-se daquele organizado pela família por muito tempo, hoje vivemos outro tempo bem mais complexo do que há algumas décadas. Em época atual, a escola enfrenta, além do desafio que lhe cabe na disseminação do conhecimento, em uma sociedade cada vez mais veloz e dinâmica, também o desafio da relação, da interação, com os alunos e suas famílias. Tendo por base esse contexto, este trabalho trata da importância da família no processo de ensino-aprendizagem, na concepção da psicopedagogia, tendo como objetivo analisar as implicações que decorrem da ausência da família no processo ensino-aprendizagem dos filhos. Neste trabalho, investigando como a participação dos pais de alunos influencia na aprendizagem e descrevendo como a escola vem agindo no processo de interação com a família.

Palavras – chave: Família, Escola, aluno, Ensino-Aprendizagem.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como referencial a Importância da família no processo ensino-aprendizagem, na concepção da Psicopedagogia. A escolha do tema se deu quando percebermos que a vida moderna e seu ritmo não permitem às pessoas lidarem com tantas



responsabilidades que as cercam, passando-lhes a sensação de que não são capazes de cumprir suas agendas, esse é o perfil da nova família contemporânea que lida com a economia instável do país, viver entre conflitos de valores e tudo mais que aflige quem sobrevive neste contexto, afeta diretamente o comportamento dos pais em relação à educação dos filhos.

A escola diante desta realidade percebe a transferência do papel da família para si, e tem sido para mesma uma tarefa árdua trazer a família à responsabilidade de educar, a importância de caminhar junto, de disponibilizar tempo, paciência e, sobretudo persistência.

Por isso, temos como objetivo analisar as implicações que decorrem da ausência da família no processo ensino-aprendizagem dos filhos, refletindo sobre a importância de uma juventude mais comprometida com a vida em sociedade, assim como refletimos também sobre o aperfeiçoamento para aproximar a família da escola.

Ao lado da família, a escola permanece sendo uma instituição e um espaço de formação e contribuição para o desenvolvimento da autoestima da criança, preocupando-se em formar seus educadores para que os mesmos reúnam recursos que os permitam lidarem com os conflitos inerentes ao cotidiano escolar. A participação dos pais na educação escolar das crianças tem sido um tema insistentemente tratado dentro das atuais concepções teóricas da educação brasileira, onde é reconhecida a influência da família na aprendizagem formal.

Na visão de Silva (2008) um ponto que se faz a maior diferença nos resultados da educação nas escolas é a proximidade dos pais no esforço diário dos professores, contudo, este é um cenário que pouco se vê nas escolas públicas, e infelizmente, são poucas as escolas que podem se orgulhar de ter essa aproximação maior com os pais ou até de realizar algumas ações nesse sentido.

É neste prisma que a integração escola e família se sobressaem para o pleno desenvolvimento do aluno, sendo uma fascinação envolvente, podendo estar presente em toda e qualquer manifestação cotidiana.



METODOLOGIA

Para o aprofundamento dessa temática, debruçamos em uma bibliografia que nos possibilita a reflexão de nosso objeto de estudo sob a luz do pensamento científico, optamos por uma metodologia pautada em uma pesquisa bibliográfica, onde fomos buscar nos teóricos fundamentos para analisar e interpretar os dados obtidos na pesquisa de campo através da aplicação de questionários aos professores, pais e alunos. A pesquisa foi de caráter qualitativo e foi realizada dentro de um enfoque crítico didático

De acordo com Coraíni (2005), a pesquisa qualitativa ocorre quando os fenômenos estudados tratam de situações cuja manifestação encontra-se restrita a determinado contexto cuja análise independe, prescinde, ou torna simplesmente impossível às quantificações e quando a descrição do fenômeno depender da interpretação balizada pelo arcabouço intelectual do pesquisador.

Para Minayo, (1994) A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa com um nível de realidade que não pode ser quantificado.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A psicopedagogia é basicamente reconhecida e entendida como um método que contribui, juntamente com a psicanálise, pedagogia e a psicologia, para participar na solução de problemas que surgem no contexto educativo, vindo estes, do ambiente familiar, escolar, do meio social, econômico, cultural ou de outras origens. Quando faz parte do ensino da escola, contribui para aquisição de conhecimentos que são elaborados no processo de ensinar e aprender, proporcionando ao aluno uma maneira gratificante e prazerosa para acontecer aprendizagens, autonomia e emancipação.

A atuação do Psicopedagogo na instituição escolar visa a fortalecer-lhe a identidade,



bem como buscar o resgate das raízes dessa instituição, ao mesmo tempo em que procura sintonizá-la com a realidade que está sendo vivenciada no momento histórico atual, buscando adequar essa escola às reais demandas da sociedade. De acordo com Scoz (2002) “[...] o objetivo principal da psicopedagogia é resgatar uma visão mais globalizante e, conseqüentemente, dos problemas decorrentes desse processo”. Uma das contribuições da psicopedagogia é no contexto familiar, ampliando a percepção sobre os processos de aprendizagem de seus filhos, resgatando a família no papel educacional complementar à escola, diferenciando as múltiplas formas de aprender, respeitando as diferenças dos filhos (BOSSA, 1994, p. 35). [...] “O conhecimento e o aprendizado não são adquiridos somente na escola, mas também são construídos pela criança em contato com o social, dentro da família e no mundo que a cerca”. A família é o primeiro vínculo da criança e é responsável por grande parte da sua educação e da sua aprendizagem.

Afirma Scoz, (2002, p. 22) que não há apenas uma única causa para os problemas de aprendizagem “[...] é preciso compreendê-los a partir de um enfoque multidimensional, que amalgame fatores orgânicos, cognitivos, afetivos/ sociais“. Sabe-se que um aluno quando apresenta dificuldades de aprendizagem nem sempre tem deficiência mental ou algum tipo de distúrbio parecido. Na verdade existem fatores fundamentais que precisam ser trabalhados para se obter melhor rendimento em todos os níveis de aprendizagem. É óbvio que quando falamos em aprendizagem, não estamos relacionando aquisição de conhecimentos apenas disciplinares, mas também de outros que são de vital importância para o ser humano.

O problema de aprendizagem não tem origem apenas cognitiva e atribuir ao próprio aluno o seu fracasso, sem considerar as condições de aprendizagem, que a escola oferece para o aluno e outros fatores extras-escolares, é reforçar fracasso tanto do aluno como da escola. O professor precisa criar vínculo com seus alunos e atentar para diferenciar a forma de ensinar, principalmente interessar por trabalhar as dificuldades, que devem ser entendidas como desafios a serem vencidos, começando a partir do cotidiano dos alunos.



A Psicopedagogia é constituída a partir de dois saberes e práticas: da psicologia e pedagogia. Também recebe influencia da psicanálise, porém diferencia-se da psicologia escolar nos aspectos: origem, formação e atuação. Quanto à origem, a psicologia escolar tem como foco compreender as causas do fracasso escolar e a psicopedagogia tem como função procurar as causas e tratar determinadas dificuldades de aprendizagem específicas. Quanto à formação, a psicologia escolar configura como uma especialização na área de psicologia, enquanto a psicopedagogia é aberta a todos os tipos de profissionais e áreas de atuação.

De acordo com o Código de Ética da ABPp, elaborado pelo Conselho Nacional do Biênio 91\92 e reformulado pelo Conselho Nacional e Nato do Biênio 95\96, no seu capítulo 1 e artigo 1º, afirma-se que:

[...] “a psicopedagogia é um campo de atuação em educação e saúde que lida com o processo de aprendizagem humana, seus padrões normais e patológicos, considerando a influência do meio, família, escola e sociedade no seu desenvolvimento, utilizando procedimentos próprios da psicopedagogia”.

A intervenção psicopedagógica focaliza o sujeito na sua relação com a aprendizagem. A meta do psicopedagogo é ajudar aquele que, por diferentes razões, não consegue aprender formal ou informalmente, para que consiga não apenas interessar-se por aprender, mas adquirir ou desenvolver habilidades necessárias para tanto [...]. (RUBINSTEIN, 2001, p. 25). Defender a necessidade da existência de psicopedagogos dentro das escolas, para auxiliar no trabalho do pedagogo, é fazer opção por uma intervenção que reedifique a prática pedagógica dos professores, para acontecer à melhoria da aprendizagem.

Como observa Sarramona (apud IGEA, 2005, p 19), a escola veio ocupar uma das funções clássicas da família que é a socialização: A escola se converteu na principal instituição socializadora, no único lugar em que os meninos e as meninas têm a possibilidade de interagir com iguais e onde se devem submeter continuamente a uma norma de convivência coletiva [...]. O que temos observado é que as famílias estão perdidas, não estão sabendo lidar com situações novas: pais trabalhando fora o dia inteiro, pais desempregados,



brigas, drogas, pais analfabetos, pais separados e mães solteiras. Essas famílias acabam transferindo suas responsabilidades para a escola, sendo que, em decorrência disso, presenciamos gerações cada vez mais dependentes e a escola tendo que desviar de suas funções para suprir essas necessidades.

Considerando o exposto, cabe ao psicopedagogo intervir junto à família das crianças que apresentam dificuldades na aprendizagem, por meio, de uma entrevista e de uma anamnese com essa família para tomar conhecimento de informações sobre a sua vida orgânica, cognitiva, emocional e social. O que a família pensa, seus anseios, seus objetivos e expectativas com relação ao desenvolvimento de seu filho também são de grande importância para o psicopedagogo chegar a um diagnóstico.

O diagnóstico psicopedagógico é um processo contínuo sempre revisável, onde a intervenção do psicopedagogo inicia numa atitude investigadora, até a intervenção. É preciso observar que esta atitude investigadora, de fato, prossegue durante todo o trabalho, na própria intervenção, com o objetivo de observação ou acompanhamento da evolução do sujeito. (BOSSA, 1994, p.74)

As características da família, da escola e da comunidade, ou até mesmo do professor podem ser a causa desencadeante do problema de aprendizagem do aluno, por isso, o psicopedagogo deve realizar um planejamento, junto aos professores que venha valorizar e considerar as vivências, os conhecimentos e as informações que o aluno carrega e a sua forma de ver e de viver no mundo moderno, para optar por uma forma metodológica que auxilie a transpor o conteúdo sistematizado, científico e promover uma aprendizagem significativa, e para isso é necessário que haja interação. Por isso é imprescindível que o professor junto com o psicopedagogo planeje situações didáticas em que os alunos estejam agrupados criteriosamente e possam trocar pontos de vista, negociar e chegar a um acordo. Segundo Vygotsky, (1996), o aluno não é tão somente o sujeito da aprendizagem, mas, aquele que aprende junto ao outro o que o seu grupo social produz, tal como: valores, linguagem e o



próprio conhecimento.

Os dados obtidos foram analisados com base em métodos qualitativos, a partir de questionário com perguntas abertas e perguntas fechadas. Os comentários são discutidos a luz da literatura pertinente.

O estudo investigou 20 alunos de 3º, 4º e 5º anos, 15 pais e os professores de uma Escola do Município de Sertãozinho no ano de 2012. Os alunos de nosso estudo, divididos em 11 do gênero masculino e 09 do gênero feminino, compreendidos de faixa etária entre 08 e 12 anos e cursando o 3º, 4º e 5º anos do Ensino Fundamental.

Quanto questionado sobre a sua participação em eventos promovidos pela escola, os alunos responderam que participam das festas comemorativas e de projetos educacionais, mais não participam de encontros e reuniões tipo elaboração do PPP e reuniões de pais e mestres. Observa-se que todos afirmaram participarem de eventos, a unidade persiste quanto o evento conota festas comemorativas. Em encontros e reuniões sem fins percebe-se o afastamento do alunado da instituição.

As respostas dos alunos quando perguntamos: Conversam com os pais sobre a escola? Todos responderam que sim. Foram questionados também quais os temas abordados na conversa? 10 (dez) dos alunos responderam: o tema a ser conversado com os pais é sobre a hora de recreação, o que totaliza 50%, 07 alunos, cerca de 35% responderam conversar com os pais sobre os professores e as tarefas e 03 alunos, cerca de 15% responderam que a conversa com os pais sempre foi sobre a merenda escolar.

Podemos concluir que o aluno artiloso, antenado no mundo, já percebeu que a escola tem muito pouco a oferecer, além de relações interpessoais e de inserção no grupo, assimila o baixo rendimento e se transforma no protótipo do desvio de conduta substituindo, agora pelo termo politicamente correto de indisciplinado. Este mesmo aluno já percebeu que as reuniões escolares geralmente se transformam em cobranças de comportamento, disciplina e notas.

Todos os alunos confirmaram conversar em casa sobre a escola. O que pressupomos



haver um diálogo entre pais e filhos sobre o ambiente da escola. Geralmente o assunto em pauta gira em torno de questões cotidianas como tarefas escolares e acontecimentos na sala de aula e na escola.

Através das perguntas abertas, os pais tiveram oportunidade e liberdade de responderem questões relativas aos sonhos que alimentam em relação aos filhos para o futuro decorrente da vida escolar.

Ao contrário do que se costuma imaginar, os chefes de famílias de baixa renda têm uma visão clara do que querem da escola e criticam às que não atendem aos interesses do aluno e da família.

Quando questionado: sua participação melhora o desempenho escolar de seus filhos? As respostas dos pais foram que sim. Porém, os mesmos afirmam que têm uma participação passiva na escola, e que sempre que vão a escola é por causa de alguma coisa errada feita pelos filhos ou quando são convocados para alguma reunião a respeito do comportamento, notas ou nas festas comemorativas realizadas pela escola.

Outra pergunta feita aos pais foi se eles conversam com os filhos sobre a escola. A resposta dada pelos pais foi que sempre conversam com os filhos sobre a hora do recreio e as atividades realizadas em sala de aula.

Sobre a opinião a respeito do que é uma boa escola, as respostas obtidas foram: Que tenha professores capacitados, que os professores se relacionem bem com os alunos e com bons métodos de ensino, que a escola seja organizada, limpa e segura, e que tenha vagas e merenda escolar de boa qualidade.

Feitos os questionamentos para os professores, estes apontaram os fatores que levam ao insucesso escolar. Foi perguntado em que situação os pais são convocados para irem à escola? A resposta dos professores foram as seguintes: nas reuniões de início de ano, final de bimestre, festas comemorativas e palestras.

Os professores questionados responderam: a melhor forma de conscientizar os pais



sobre a importância de participarem da escola é com a realização de palestras e reuniões. Segundo os professores as famílias recebem incentivos a fazerem parte da escola, mas a participação da maioria dos pais ainda é passiva, pois afirmam que o desempenho dos alunos melhora muito quando os pais têm uma participação ativa na escola.

Sobre os fatores que levam ao insucesso escolar segundo os professores, as respostas obtidas foram: em primeiro lugar a ausência dos pais na escola para a elaboração do P.P.P., para fazerem parte do conselho escolar e discutir propostas pedagógicas, a falta de diálogo entre os pais e a escola, falta de tempo dos pais em acompanhar a vida escolar dos filhos, além da falta de equipamentos e recursos didáticos e baixo salário dos professores.

O que podemos concluir a partir das respostas acima é que o professor tem consciência das causas do baixo rendimento escolar, mas, tem consciência também que se tornou um profissional desprestigiado pelas políticas educacionais e na escola, muitas vezes é essa a imagem que o aluno tem.

Diante do insucesso de um aluno, a escola e a família passam a se cobrar: “Onde foi que vocês falharam?” A família questiona a escola por ser ela a responsável pelo ensino. A escola questiona a família pelo fato de que, se alguns conseguiram aprender, o problema dos mal-sucedidos, só pode vir de fora. Todos têm razão, mas ninguém está certo. Por outro lado, não basta as duas culparem a si mesmas, pois uma professora ou uma mãe nem sempre encontrarão respostas ao se perguntarem “Onde foi que eu falhei?” O problema não está separadamente em nenhum dos lados, muito menos nos estudantes razão de ser da relação entre os dois. Não faz nenhum sentido tomá-los como culpados.

Crianças e jovens são levados para à escola com o objetivo de que aprendam os conteúdos e desenvolvam competências que os preparem para a vida. Os educadores esperam que cheguem à sala de aula interessados em aprender, pronto para o convívio social e para o trabalho disciplinado. Quando as expectativas dos dois lados se frustram, surge um círculo vicioso de reclamações recíprocas que devem ser evitadas com a adoção de atitudes de co-



responsabilidades.

No início de cada bimestre, as crianças e seus responsáveis devem ser informados sobre as atividades que serão realizadas em classe e em casa, de que recursos elas farão uso, que aprendizagem se espera em cada disciplina e que novas habilidades desenvolverão. Esse é o momento, ainda, para que todos apresentem sugestões. Ao promover esse encontro, os professores, em conjunto com a direção e a coordenação, precisam ter clareza das atividades previstas na proposta curricular, realizadas num projeto pedagógico efetivo. Isso já é um bom começo.

Nesses encontros, os pais ou responsáveis participam da análise dos resultados do período anterior e recebem instrumentos e critérios para acompanhar em casa o desenvolvimento dos filhos no período seguinte e para ouvir as percepções pessoais dos estudantes sobre a vida escolar. No caso de omissão da família, esse acompanhamento deve ser feito por um educador de referência, pelos pais de um amigo do estudante ou de outra forma sugerida pelo conselho escolar.

Além de ter um desempenho melhor, cada aluno passa a se perceber reconhecido em suas buscas e necessidades. Soma-se a isso o fato de que a convicção de ser considerado é um importante ingrediente da vida social. Cabe a estados e municípios desenvolver meios para esse envolvimento familiar em toda a rede, mas, nada impede que cada unidade crie isso independentemente. Ao aproximar-se o fim do ano letivo, momento certo para planejar o próximo, vale eleger como tema da próxima reunião pedagógica o estabelecimento de uma melhor relação com as famílias.

CONCLUSÃO

Este trabalho tem o intuito de conscientizar pais/mães e profissionais da área da educação a refletir a cerca da importância da participação da família no processo de ensino



aprendizagem dos seus filhos. Evidentemente, a escola deve estar aberta às inquietações e propostas das famílias e procura consolidar inovações pedagógicas que contribuam para que continue cumprindo com o seu papel social. Ao invés da família ser chamada ou convocada na escola apenas quando as coisas não andam bem, quando as notas estão baixas, ou quando se precisa de uma ajuda pontual; ela deve ser vista de forma participativa, uma co-autora do processo educativo escolar.

É necessário que a família e a escola se encarem responsabilmente como parceiros da caminhada, pois, ambas são responsáveis pelo que produz podendo reforçar ou contrariar a influência uma da outra. Família e escola precisam criar, através da educação, uma força para superar as suas dificuldades, construindo uma identidade própria e coletiva, atuando juntas como agentes facilitadores do desenvolvimento pleno do educando.

Em nosso trabalho buscamos mostrar que é necessário criar espaços de participação da família na escola, mas vale lembrar que para nós participar implica em ouvir e expor a opinião própria, sobretudo, trata-se da possibilidade de uma ação coletivamente construída por todas as partes envolvidas no processo ensino aprendizagem.

É preciso à união entre escola e família e o comprometimento destas instituições na busca do melhor rendimento e desempenho das crianças na caminhada escolar, só assim será possível formar cidadãos que se comprometam com o respeito pela vida, que compreendam o valor das balizas morais.

Através das considerações acerca deste estudo realizado temos convicta certeza de que para que haja uma mudança educativa tanto dentro da escola, quanto fora dela no cotidiano da família e na comunidade, é imprescindível a prática de um trabalho articulado entre a escola, o psicopedagogo e família de forma a favorecer maior conscientização dessa última, sobre a importância de estarem presentes na vida escolar de seus filhos, acolhendo-os e participando mais dinamicamente junto à escola.



REFERÊNCIAS

- BORDIEU, Pierre. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas: Papirus, 1997.
- BOSSA, Nadia A. **Fracasso escolar – um olhar psicopedagógico**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- BRASIL. **Código de ética da associação brasileira de psicopedagogia – ABPp** Reformulado pelo Conselho Nacional e Nato do biênio 95/96. Capítulo I, artigo 1º.
- BRASIL. **Constituição Federal**, Art. 266 e 277, 1988.
- CORAÍNI, Gustavo Adolfo Mesquita Serva. **A utilização de tecnologia na formação de professores: o programa de educação continuada PEC: um estudo de caso**. Marília: Universidade Estadual Paulista, 2005. Dissertação (Mestrado em Educação)
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. 9ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.
- GADOTTI, Moacir. **Concepção dialética da educação**. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2003. 181p.
- KALOUSTIAN, S. M. (org) **Família Brasileira, a base de tudo**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNICEF, 1988.
- LIBANÊO, José. Carlos (Org.) **Educação escolar: políticas, estruturas e organização**. São Paulo: Cortez, 2001.
- LIMA, Luana M. S. **Motivação em sala de aula: a mola propulsora da aprendizagem**. In SISTO, Fermino Fernandes; OLIVEIRA, Gislene de Campos; FINI, Lucila Dihel Tolaine (Orgs). **Leituras de Psicologia para Formação de Professores**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec, 1994.
- NETO, Luiz Mello de Almeida. **Família no Brasil dos anos 90: um estudo sobre a construção social da conjugalidade homossexual**. Brasília: UNB, 1999. 123 p. (Tese de Doutorado).
- Scoz Beatriz. **Psicopedagogia e realidade escolar: o problema escolar e de aprendizagem**. Petrópolis: Vozes; 2002.
- VALADÃO, Cláudia Regina e SANTOS, Regina de Fátima Mendes. (1997): **Família e escola: Visitando seus discursos**. (Trabalho de curso apresentado a UNESP – França).
- VYGOTSKY, Lev. **Psicologia pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes, 19